



FAZERES ARTÍSTICOS SOBRE CULTURAS QUILOMBOLAS: ANÁLISE DE SÍMBOLOS DE IDENTIDADE EM OBRAS DO ARTISTA PLÁSTICO THIAGO BALBINO¹

*ARTISTIC WORKS ABOUT QUILOMBOLA CULTURES: ANALYSIS OF IDENTITY SYMBOLS IN
WORKS BY ARTIST THIAGO BALBINO*

Oswaldo Martins de Oliveira²

Resumo

A presente comunicação tem por objetivo analisar trabalhos do artista plástico Thiago Balbino, neto de quilombolas, sobre as práticas culturais do Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra, norte do Espírito Santo, que é mais conhecido como Ticumbi de São Benedito. Os trabalhos que serão analisados são encontrados em ilustrações de livros, em pinturas de muros das ruas da mesma cidade e na casa de Tertolino Balbino, mestre emérito do referido Ticumbi, e avô do artista autor dos trabalhos. A comunicação apresenta uma definição do Ticumbi e em seguida, descreve e analisa os trabalhos do artista, a partir de algumas fontes elencadas.

Abstract

This communication aims to analyze works by the artist Thiago Balbino, grandson of quilombolas, on the cultural practices of the Ball of Congos de São Benedito de Conceição da Barra, north of Espírito Santo, which is better known as Ticumbi de São Benedito. The works that will be analyzed are found in book illustrations, in paintings of walls of the streets of the same city and in the house of Tertolino Balbino, master emeritus of the referred Ticumbi, and grandfather of the artist author of the works, the communication presents a definition of Ticumbi and then describes and analyzes the works of the artist, from some sources listed.

Antes de entrar na análise dos trabalhos artísticos, cabe uma breve explicação sobre o Baile de Congos de São Benedito, visto que no município de Conceição da Barra existem quatro grupos, que realizam suas festas todos os anos entre 30 de dezembro e 20 de janeiro, mas essa explicação se restringe apenas ao grupo que realiza sua festa principal na cidade de Conceição da Barra. O baile é uma homenagem a São Benedito e acontece, segundo

¹ Versão em formato de ensaio da conferência homônima proferida pelo autor no VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?, realizado na Cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo, de 20 a 22 de agosto de 2019, nas dependências do Centro de Artes, Cemuni IV, da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Oswaldo Martins de Oliveira é doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005) e professor associado da área de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisador associado ao NEAB/UFES, ao Comitê Quilombos da Associação Brasileira de Antropologia e coordenador do projeto de pesquisa Africanidades Transatlânticas. Contato: oliveira.osvaldomartins@gmail.com.



dizem, há mais de 200 anos, sendo considerada por seus integrantes uma tradição cultural que seus ancestrais trouxeram da África e que foi recriada pelos quilombolas dos meios rurais e urbanos daquele município. Ele é um ritual composto de danças, cantos e discursos poéticos, acompanhados aos sons de violas e pandeiros, sendo formado por 19 personagens, a saber: o mestre (líder), congos, reis, secretários, violeiro e porta-estandarte. Na data da festa propriamente dita, no primeiro dia do ano, todos os integrantes do baile vestem calça, camisa de manga longa e sobre esta uma bata (todas essas peças em cor branca) e portam capacetes enfeitados com flores e fitas coloridas na cabeça. Sobre as roupas brancas cruzam em seus ombros e peitos fitas coloridas, como uma espécie de proteção. Os secretários e/ou embaixadores dos reis, que na guerra vão para as frentes de batalhas, além de portarem espadas e mantos de chita colorida, levam sobre suas cabeças capacetes confeccionados em forma de animais terrestres e aquáticos, como peixes e dragões.

O baile representa a “guerra” entre dois reis africanos, o Rei de Congo e o Rei de Bamba, e seus respectivos secretários. A guerra acontece porque o primeiro rei, convertido ao catolicismo colonial português, proíbe o Rei de Bamba e seus seguidores a realizarem a festa de São Benedito, classificando este rei como pagão. Ritualisticamente, a festa termina com a vitória do Rei de Congo, batizando, a força, o Rei de Bamba, como ocorria com os africanos escravizados ao serem desembarcados no Brasil. No entanto, o Rei de Bamba revida em seus discursos, afirmando que ele só foi batizado por estar em desvantagem, caso contrário, o Rei de Congo não lhe batizaria. No ritual e nas situações sociais vivenciadas pelos quilombolas desta região, São Benedito – chamado de “filho de *Zambi*” – é uma divindade africana que rompe as fronteiras impostas pelos colonizadores cristãos entre batizados e pagãos, estando presente nas narrativas (sobretudo cantigas) e ritos de matrizes africanas como quem garante que as preces dos classificados como pagãos pelos poderes dos cristãos serão atendidas.

As reflexões contidas neste ensaio têm como ponto de partida a pesquisa que coordeno na Universidade Federal do Espírito Santo, denominada “Africanidades Transatlânticas”³, em

³ O projeto “Africanidades Transatlânticas: cultura, história e memórias afro-brasileiras a partir do Espírito Santo” vem sendo desenvolvido, de outubro de 2018 a dezembro de 2019, junto às comunidades quilombolas no Espírito Santo, e apresentará os seus resultados no relatório final. A pesquisa está sendo realizada por uma equipe vinculada à UFES e conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) e da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), por meio da Resolução FAPES nº 210/2018.



que os dados analisados foram obtidos por meio de pesquisa de campo município acima referido e em referências bibliográficas, como Oliveira (2009) e Schiffler, Balbino e Nascimento (2018), onde se encontram algumas ilustrações criadas por Thiago Balbino, o artista a que me refiro acima, cujas obras analisarei neste texto. Alguns dos objetivos do projeto são: 1º) estudar as trajetórias de vida dos principais integrantes dos grupos de Ticumbi de São Benedito, descrevendo as formas de fazer e transmitir o patrimônio cultural nas relações entre as celebrações festivas, o calendário produtivo, a criação de animais e a cultura culinária; 2º) observar e descrever, a partir dos saberes dos mestres e de outros integrantes do Ticumbi, a gestão cultural da festa, as cantigas, os instrumentos musicais e a confecção e cuidados com a indumentária dos congos e do santo; 3º) registrar e produzir, no decorrer da pesquisa de campo, fotografias, imagens e desenhos de mestres, dos principais congos e de feiteiras/os dos grupos de Ticumbi, bem como de suas práticas culturais. Deste modo, analisarei alguns dados obtidos a partir desses objetivos, sobretudo as fotografias, escaneamentos e downloadfeitos de obras de Thiago Balbino, algumas das quais se encontram nos livros dos autores acima referidos, nas paredes da casa de seu avó paterno em Conceição da Barra, em pinturas nos muros da mesma cidade e na página do artista no *facebook*.

Thiago Balbino, um jovem negro/quilombola, que conheci em 2008, é filho de uma militante de movimento negro, Sônia Penha Rodrigues, e de um quilombola nascido no meio rural do município de Conceição da Barra, Antônio Balbino (falecido em 01/05/1985). Thiago foi criado e educado pela mãe e se formou em Artes Plásticas pela UFES. Seu avó paterno, Tertolino Balbino, é o mestre do Baile dos Congos de São Benedito, que é um baile formado exclusivamente por pretos-quilombolas. Em 2009, convidei Thiago para que ilustrasse o livro “Culturas Quilombolas do Sapê do Norte” e ele aceitou, e são essas ilustrações que analiso no próximo parágrafo.

Em suas ilustrações, o referido artista desenhou os seguintes personagens e símbolos relacionados ao Baile de Congos: a) um desenho que colocamos na capa do livro representando todos os congos do baile; b) o capacete enfeitado com flores que os congos (soldados) usam em suas cabeças; c) o mestre do baile, então Tertolino Balbino, que é o gestor das práticas culturais do grupo e que, na ilustração, foi retratado em uma posição



contemplativa, visto que, na visão deste mestre, o Ticumbi é um ato religioso em devoção a são Benedito; d) o estandarte e o porta estandarte de são Benedito, que no baile, já foi uma função desempenhada por Jonas Balbino e pelo próprio Thiago Balbino; e) o Rei de Congo, que é um personagem de grande poder no baile e que é figurado por seu tio Jonas Balbino; f) o secretário do Rei de Congo, que é o personagem desempenhado por Arquimino dos Santos, integrante da comunidade quilombola Córrego do Alexandre; g) o Rei de Bamba, que nos últimos 20 anos tem sido representado por integrantes das famílias quilombolas herdeiros de Gonçalo Valentim dos Santos e Acelino dos Santos, foi ilustrado por Balbino para referenciar a presença dessas famílias no baile; h) depois de conversas com jovens, filhos e netos dos congos e festeiros/as de são Benedito, resolvemos criar um breve texto ilustrado por Balbino, denominado “identidade e memória”, onde o próprio artista se incluiu no texto e nas ilustrações, criando representações de si, do seu avô, e o avô paterno de seu pai, Manoel Jerônimo, bem como mencionou o avô de sua avó paterna, conhecido como Hilário, que liderava um baile em Conceição da Barra, e era proveniente do Quilombo do Angelim; i) por fim, naquela primeira década do século XXI, Balbino desenhou uma casa representando as moradias das famílias quilombolas no meio rural e relacionada às atividades produtivas dessas famílias, pois ilustrou a colheita de mandioca e o processamento dos alimentos no pilão e, em seguida, criou o desenho de um cesto tecido em cipó cheio de beijus, simbolizando a produção da iguaria a partir da goma da mandioca com recheios de coco ralado e/ou amendoim e ao lado do cesto está um bule com café, que são alimentos frequentemente servidos aos congos nos ensaios do Ticumbi.

Com a participação de Thiago Balbino na ilustração do livro, além de a minha escrita retratar memórias e realidades culturais locais, seu trabalho proporcionou cor e visibilidade a tais realidades. A participação de um artista com lealdades étnicas às suas origens na produção da visibilidade dos agentes das práticas culturais locais retratados nesse suplemento didático surtiu um efeito importante, pois estimulou a adoção - por professores, lideranças e mestres da cultura quilombola - de um material didático que um deles ajudou a produzir para leituras cotidianas e em suas reuniões de formação.

A partir de dezembro de 2018, no desenvolvimento do projeto Africanidades Transatlânticas, a casa de Tertolino Balbino e Bárbara dos Santos, avós de Thiago, na cidade



de Conceição da Barra, também passou a ser um *lôcus* da pesquisa. Ali, enquanto equipe do projeto, tivemos a oportunidade de entrevistar seu avô nos meses que se seguiram o trabalho de campo, onde também observamos alguns dos trabalhos do artista expostos na sala da casa. Solicitei a uma das integrantes de minha equipe de pesquisa que fotografasse dois desses trabalhos para que entrassem na análise da história dos herdeiros do mestre Tertolino.

No primeiro trabalho, destaco e analiso dois símbolos importantes na demarcação da identidade do artista e de seus parentes, a saber: 1º) ele retrata um integrante do Baile de Congo, denominado porta-estandarte, vestindo-se com a indumentária característica do baile, isto é, sobre sua cabeça está um capacete enfeitado com flores coloridas, veste bata de mangas longas e fitas verdes e amarelas estão cruzadas sobre seu peito, eo mesmo congo segura com a mão direita o estandarte de São Benedito; 2º) neste estandarte, conforme pudemos verificar, está o santo preto com um menino nos braços que também é preto, contrastando com as ideologias eurocêntricas das obras de arte sacra sobre o santo, onde o menino que se encontra nos braços de São Benedito é extremamente branco. Uma outrarelacão importante a ser destacada neste primeiro trabalho em análise, é que ele representa uma posição no baile de congo que já foi ocupada pelo próprio artista e por seu tio Jonas Balbino, estando, portanto, envolvida a afirmação da identidade étnica do artista e de seus parentes.

No segundo trabalho de Thiago que se encontra em outra parede da sala de seus avós, observamos um dos congos, que em nossa análise representa seu avô, que está olhando para uma imagem/pintura de São Benedito, onde dois meninos se encontram nos braços do santo preto, sendo um muito branco e outro que se aproxima um pouco mais da cor preta. Esse desenho foi usado como a arte das camisetas que os integrantes do Ticumbi, assim como os devotos do santo que a adquirem por compra no grupo, usaram no Ensaio Geral na noite de 30 e no dia 31 de dezembro de 2009 e que estampava a mensagem “Ticumbi de São Benedito, Conceição da Barra - 2010”. Naquele ano, eu mesmo tive a oportunidade de adquirir uma camiseta com essa estampa. Conforme verificamos na pesquisa, nos últimos 20 anos, uma camiseta semelhante a essa tem sido produzida para ser usada pelos integrantes do grupo na noite e no dia acima referidos, como uniformização da indumentária



do grupo (camiseta, calça marrão e boné). Cabe observar que as vestimentas rituais do primeiro dia do ano, conforme descrita acima, é outra.

Essa obra do artista pode ser analisada segundo a abordagem antropológica dos processos relacionais e contextuais de formação das identidades dos grupos étnicos (BARTH, 2000), nas quais se incluem os estudos de identidades nos agrupamentos quilombolas. Essa é uma perspectiva diferenciada das abordagens das identidades, pois em uma perspectiva colonialista e doutrinadora presentes nas artes sacras eurocêntricas sobre São Benedito, o colonialismo artístico jamais pensou em ver um Cristo negro nos braços deste santo preto, optando sempre por um Cristo com características fenotípicas europeias.

O papel político do artista na demarcação do pertencimento étnico por meio da arte não parou nas ilustrações do referido livro e nem nas obras que decoram a sala de seus avós, pois em dezembro de 2015, quando fui festeiro de São Benedito, Thiago Balbino pintou alguns painéis nos muros da cidade de Conceição da Barra representando personagens da cultura afro-brasileira, em especial do Baile de Congos. Como pude observar em dois desses painéis, dos quais se encontram fotos expostas também em seu perfil no facebook, Balbino é um artista que demarca seu pertencimento étnico por meio do conhecimento no campo das Artes Plásticas. São seus ancestrais africanos e os descendentes desses ancestrais, nos quais ele próprio está incluído, que estão representados em seus magníficos trabalhos. Ele demonstra que os congos e quilombolas do Ticumbi fizeram e fazem história não só na região do norte do estado do Espírito Santo, mas em todo o estado, e transpõem as fronteiras estaduais e nacionais por meio de seus trabalhos. Para pensar o papel de Thiago Balbino enquanto um agente enredado neste processo, cabe lembrar que seus avós, Tertolino Balbino e Bárbara dos Santos, não esquecendo o papel educativo de sua mãe, se tornaram referências fundamentais na dimensão emotiva da formação da sua identidade étnica. Como bem teorizou Epstein (1978), os avós tem um papel fundamental na formação dessas identidades, e o então antropólogo constatou essa dimensão em sua pesquisa etnográfica no Congo, região da África Central. É bom sempre lembrar que o Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra, retratado neste e em outros trabalhos de Thiago Balbino, tem sua procedência no antigo Reino do Congo.



Figura 1 - Fonte: acervo do Projeto Africanidades Transatlânticas. Foto realizada em julho de 2019.

Enquanto escrevia este texto, dialoguei com Sonia Rodrigues, mãe do referido artista, e ao comentar a foto da pintura acima, que também se encontra no perfil de Thiago no facebook, ela afirmou ser oportuno o meu apontamento sobre o pertencimento identitário do artista, com o seguinte comentário:

Esses dias andei lembrando o ano dos festejos em que Thiago executou esse trabalho através da criação do 'Projeto Cores de Reis', foi reboiço de orgulho na família Ticumbi e de demais moradores. A apoteótica mudança do cortejo dos congos, incluindo um bailado de reverência diante desse painel, foi emocionante e reafirmativo de nossas existências!!!... 'Nossos passos vêm de longe!' (Sônia Rodrigues, 21/08/2019).

No livro de Schiffler, Balbino e Nascimento (2018) estão dois desenhos ilustrativos de Thiago que tomo para a presente análise. Na primeira capa está o desenho de dois congos tocando os principais instrumentos do Ticumbi, os pandeiros. O desenho retrata também parte da indumentária dos congos, a saber: a) capacetes nas cabeças dos congos enfeitados com flores e fitas coloridas, cabendo observar que sobre a cabeça, antes de colocarem os capacetes, os congos colocam um lenço branco que fica preso entre o capacete e a cabeça; b) camisas de mangas longas e batas brancas; c) fitas verdes e vermelhas cruzando os ombros e os peitos dos congos; d) no punho do braço direito, cada congo traz presa uma toalha branca que é usada para secar o suor do rosto no decorrer do baile, principalmente quando realizam os cortejos para casas de festeiras/os sob sol escaldante.

Na última capa do livro citado no parágrafo anterior está um desenho de Thiago que pode estar representando três conjuntos de cenários e personagens do baile dos congos, como segue: 1º) o barco ao fundo pode estar simbolizando a chegada dos barcos que, todos os



anos em 31 de dezembro, vão até a comunidade de Barreiras, do outro lado do rio Cricaré, levando congos, jongueiros e outros devotos para buscar um santo que é conhecido como são Benedito das Piabas e trazê-lo, juntamente com seu grupo de jongo⁴ guardião, para participar da festa de são Benedito padroeiro no primeiro dia do ano, e que tem sua capela na cidade de Conceição da Barra; 2º) no desenho em destaque à frente, é possível interpretá-lo que trata-se do baile no primeiro dia do ano, pois verificamos todos os congos com as indumentárias de dia de festa, conforme já foi explicado, e o personagem em destaque é o mestre do baile que, no ano da criação do desenho, em 2018, era Tertolino Balbino e que estava passando a liderança para Berto Florentino, o que ocorreu em 29 de abril do referido ano; 3º) à frente dos congos podemos observar sobre um andor a grande imagem de são Benedito padroeiro, o que nos leva a concluir que trata-se mesmo do dia da apresentação do baile de congos, no primeiro dia do ano.

Para finalizar, cabe dizer que fotografamos ainda dois outros desenhos do mesmo autor sobre o Ticumbi, na cidade de Conceição da Barra. Além disso, mais dois outros desenhos relacionados ao mesmo tema foram encontrados na página do artista no facebook, sendo um retratando o secretário do Rei de Congo com seu capacete de cabeça de dragão; e outro é um congo com seu capacete enfeitado de flores, que foi criado para compor a programação do Teatro Carlos Gomes, em Vitória.

Por fim, os trabalhos de Thiago Balbino representam as posições ocupadas no baile de congo por seus familiares, estando, portanto, envolvida a afirmação da identidade étnica do artista e de seus parentes. Seus fazeres artísticos representam o papel político do artista na demarcação do pertencimento étnico, pois demarca seu próprio pertencimento étnico por meio do conhecimento no campo das Artes Plásticas. São seus ancestrais africanos e os

⁴ O jongo, conforme escreve Oliveira (2016), é uma prática cultural criada no Brasil, no século XIX, pelas capacidades poéticas e artísticas de africanos de origem bantu e por seus descendentes, que foram escravizados em fazendas de café na região Sudeste do país. No norte do Espírito Santo, o termo jongo se refere às cantigas entoadas nas “rodas de jongos”, onde o tambor é o principal instrumento tocado nessas celebrações. As “rodas de jongo” são realizadas por grupos que se reúnem, liderados por mestres, para tocar instrumentos musicais (tambor, ganzá ou reco-reco), dançar e cantar de forma poética e desafiadora às diversas situações sociais vividas pelas comunidades. O jongo constitui uma celebração festiva antiga nos quilombos do Espírito Santo. Atualmente, no norte do estado, além dos grupos de jongos que estão nas vilas de Itaúnas e Barreiras, temos o jongo nas seguintes localidades de Conceição da Barra: bairros Santana Velha e Quilombo Novo, e nas seguintes comunidades quilombolas: Linharinho, Porto Grande e Córrego do Alexandre. Em São Mateus temos jongo no bairro Sernamby, no quilombo São Cristóvão e Serraria e na comunidade de pescadores de Campo Grande. Por isso, os mestres de jongo e as lideranças quilombolas tomaram o jongo como um dos símbolos demarcadores da identidade quilombola.



descendentes desses ancestrais, nos quais ele próprio está incluído, que estão representados em seus trabalhos. Demonstrar o protagonismo social, histórico e político de congos e quilombolas parece ser uma das preocupações de Balbino. Seus avós, ao narrarem às aventuras poéticas dos pais deles, se tornaram referências fundamentais na construção da dimensão emotiva da sua identidade étnica, bem como de sua ancestralidade africana, pois não deixaram de lembrá-lo que o Baile de Congos de São Benedito é uma prática cultural dos pretos proveniente do antigo Reino do Congo.

Referências

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. RJ: Contra Capa, 2000. P. 25-67.

EPSTEIN, Leonard Arnold. **Ethos and Identity** - Three studies in ethnicity. London/Chicago, 1978.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. (Organizador). **Culturas Quilombolas do Sapê do Norte**: Farinha, beiju, reis e bailes dos congos. Vitória (ES): Editora Santo Antônio, 2009.

OLIVEIRA, Osvaldo M. Quilombos e demarcadores de identidades: análise sucinta de três casos no estado do Espírito Santo. In: **Ambivalências**, vol. 4, p. 10-41, 2016. <<http://www.seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/issue/view/475>>.

SCHIFFLER, Michele Freire; BALBINO, Jonas dos Santos; NASCIMENTO, Aline Meireles do.

Cultura popular quilombola: o Baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra – Ticumbi. São Carlos-SP: RiMa Editora, 2018.